

POLITICA

Parlamentarismo é golpe do PMDB acusa Lourenço

O líder do PFL na Câmara, deputado José Lourenço, acusou a maioria do PMDB de planejar um golpe de Estado por via legislativa, através da implantação do parlamentarismo com cinco anos de mandato. "A forma mais fácil desse partido conquistar o poder sem correr os riscos de uma disputa pela Presidência da República no voto popular".

José Lourenço sustenta que a fórmula inviabiliza a aplicação do regime parlamentarista se não contar com a clara aquiescência do atual Presidente da República. "Tanto quanto sei, pois tenho ouvido do próprio Presidente, ele não concorda com nenhuma barganha em torno de parlamentarismo", disse Lourenço, em tom irritado.

PASSO PERIGOSO

Lourenço sustenta que se trata de um passo perigoso. Em primeiro lugar porque, introduzido contra a vontade do Presidente da República, o regime não funcionaria. Bastaria que o Presidente indicasse para Primeiro-Ministro um político sem qualquer trânsito ou aceitação nas hostes do Partido majoritário, que é o PMDB.

Além disso, o líder do PFL na Câmara, que respeita as qualidades desse sofisticado tipo de regime em sociedades mais avançadas, lembra a qualidade de nossa elite política, a maioria da qual está mais interessada em problemas fisiológicos, como o Funrural ou estações de rádio, do que trabalhar sinceramente pela solução dos problemas nacionais. "Implantar o parlamentarismo, significa que o Funrural vai derrubar um gabinete a cada semana", sustenta José Lourenço, convencido de que o presidencialismo ainda é o melhor regime para o Brasil.

O ex-Ministro das Minas e Energia no Governo Goulart, o ex-deputado (do extinto PSD), Oliveira Brito, que foi um dos formuladores da emenda parlamentarista em 1961 — introduzida para evitar a divisão do Exército e a guerra civil — indagou de Lourenço, que é seu genro:

Vocês estão loucos?

O líder do PFL afirma que parlamentarismo é forma de governo para país cultural e politicamente avançado, não para o Brasil, onde a elite política se embaraça com problemas de ordem fisiológica. Para ele, não temos a estrutura da Itália, para suportar sucessivas quedas de gabinete sem provocar uma grave crise institucional com o desfecho sempre conhecido, ao longo da história.

Lourenço afirma que a simples idéia de que a fórmula do parlamentarismo com cinco anos poderá ser vitoriosa anima uma grande distribuição de Ministérios. "O Exedito Machado já anda alvoroçado com a possibilidade de chegar ao Ministério, de novo" (Exedito foi Ministro da Viação no Governo João Goulart).

— Será que vamos chegar à União Soviética, onde existem cerca de cem Ministérios? — indaga o líder, aprensivo.

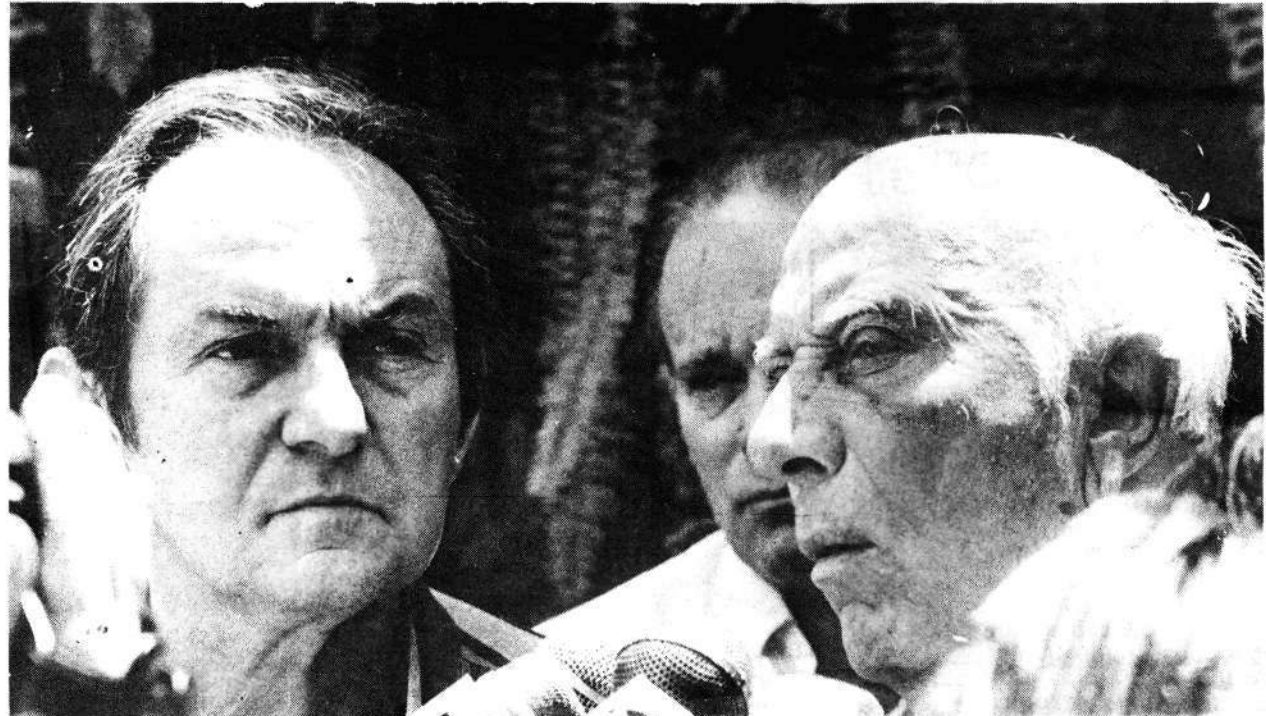
Lourenço concordaria com a implantação do parlamentarismo clássico, que eleição indireta do Presidente da República, como na Alemanha Ocidental, e o voto distrital. Sem isso, considera a fórmula parlamentarista um verdadeiro embuste.

— Estou convencido de que só uma coisa anima o PMDB: chegar ao poder sem correr os riscos de uma eleição, ainda que agravando os problemas institucionais do País — disse Lourenço.

O ex-deputado Israel Pinheiro Filho, hoje Assessor Especial do deputado Ulysses Guimarães, está convencido de que o parlamentarismo com cinco anos é a solução que evitará uma crise institucional, a curto prazo. Para ele, o regime de gabinete representa a saída definitiva para superar os problemas institucionais brasileiros, que surgiram intermitentemente em 99 anos de República.

— A qualidade da elite política aparecerá quando ela tiver responsabilidade pela formação do governo. Ninguém venha me dizer que a atual composição da Câmara não permitirá a formação de um Ministério de alta qualidade.

GIVALDO BARBOSA



Ulysses, com Cabral, regressa da casa do general Ivan: uma definição clara pelos cinco anos, no acordão

Ulysses firma acordão

E diz que votar por 5 anos é votar pelo País

Após passar a manhã inteira em companhia do relator Bernardo Cabral e almoçar com o ministro-chefe do SNI, Ivan de Souza Mendes, o presidente da Constituinte, deputado Ulysses Guimarães, apoiou pela primeira vez ostensivamente o acordo que garante a implantação do sistema parlamentarista de Governo em troca dos cinco anos de mandato para o presidente Sarney.

— O voto a favor dos cinco anos é o voto a favor da sociedade. Todos nós temos nossas convicções pessoais. Eu, pessoalmente, sou presidencialista. Mas este é o momento de abrir mão destas convicções em favor da transição democrática. A transição precisa caminhar — afirmou Ulysses logo após o almoço com o ministro-chefe do SNI.

Ulysses está apostando no fechamento de um acordo sobre a questão do sistema de governo, envolvendo a duração do mandato, até terça-feira, quando o sistema entrará na pauta de votações. "Estamos trabalhando para isso, mas não posso falar mais nada por enquanto", disse o presidente da Constituinte.

Ulysses frisou, no entan-

to, que o fechamento de qualquer acordo depende da volta dos constituintes de seus estados. "Eu fiquei aqui, mas os parlamentares estão esparramados pelo Brasil fora". Ulysses acredita que a aproximação do dia de votação deverá favorecer o fechamento de um acordo sobre o sistema de governo, o que na sua opinião é melhor que aconteça antes de caracterizado o buraco negro.

O presidente da Constituinte garantiu que não

conversou com o ministro-chefe do SNI "nada de especial". "Falamos sobre as várias opções, conhecidas de todos", disse Ulysses, desconversando quando foi perguntado sobre a preferência de Ivan de Souza Mendes a respeito do sistema de Governo: "Pergunta para ele".

Com aparência cansada, Ulysses não quis admitir que não estava bem: "Não acho que estou abatido. Pelo contrário, estou sempre esperançoso, na expectati-

va de um entendimento". O presidente da Constituinte ressaltou que "não é dono de fórmula nenhuma" e após a solução que "possa resolver as dificuldades que estão aí". Perguntado sobre quais seriam essas dificuldades, Ulysses respondeu: "Não sei. Esqueci".

O presidente da Constituinte admitiu que hoje poderá manter encontro com o presidente Sarney para discutir a votação do sistema de governo.

Líderes apostam no buraco negro

O deputado Exedito Machado, coordenador do Centro Democrático (ala peemedebista ligada ao Palácio do Planalto), revelou ontem que várias lideranças da Constituinte estão jogando no aparecimento do buraco negro na questão do regime de governo, no pressuposto de que somente neste caso será deflagrado o processo de negociação efetiva em torno do assunto.

Na opinião do deputado cearense, nenhum dos grupos (parlamentarista e presidencialista) tem 280 votos para aprovar suas emendas. Sem um acordo em relação à matéria, advertiu,

a Constituinte simplesmente vai parar. "Desde que começamos as votações, tudo foi feito na base do entendimento", lembrou o parlamentar.

Diante da intransigência de ambas as partes neste momento, Machado vê no buraco negro a única forma capaz de forçar a negociação, permitindo que o regime de governo resulte de um consenso entre as lideranças da Constituinte. "Aí sim, estaremos refletindo o que a sociedade deseja", acrescentou.

O deputado preferiu não antecipar possíveis fórmulas para o entendimento, mas admitiu que o acordão

prevendo parlamentarismo com mandato de cinco anos é muito difícil, tanto que foram fortíssimas as resistências encontradas pelo deputado Ulysses Guimarães quando tentou negociar esta tese.

"Diante do impasse do buraco, novas fórmulas surgirão", acredita Machado. O importante, para ele, é que a questão seja definida por maioria expressiva da Constituinte, e não por um ou dois votos de diferença. "Neste caso, seja qual for o sistema vencedor, já nascerá sob sérios riscos de desestabilização", advertiu.